



Presidente prestou homenagem a (do alto para baixo) Mangueira, Império, Portela e Vila

## 69 Beijoqueiro é isso

*Flerte com Império, Portela e Vila, mas amor à Mangueira*

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso flertou com várias escolas de samba cariocas e acabou revelando o amor pela Estação Primeira de Mangueira, durante a cerimônia de entrega da Ordem do Mérito Cultural, na manhã de ontem. Quatro escolas receberam a comenda criada pelo Ministério da Cultura: Mangueira, Portela, Império Serrano e Vila Isabel. Cada uma foi representada pelo presidente e pela dupla de mestre-sala e porta-bandeira. Também desfilaram pelos salões do Planalto os sambistas Jamelão e Monarco da Portela, Paulinho da Viola e Ivone Lara. Sem a empolgação do Sambódromo, durante a cerimônia, Jamelão deu uma cochilada.

Neide Coimbra, presidente da Império Serrano, estendeu a bandeira para Fernando Henrique beijá-la. Depois da Império,

FH repetiu o beijo nos outros estandartes. “Dá para ver a alegria de todos nós por homenagear as escolas de samba, representada por minha Mangueira...”, discursou, “... e pela Vila Isabel, Portela e Império Serrano. Em ordem de precedência.” Explica-se tanta relevância ao samba: o mote da Ordem do Mérito Cultural deste ano é a “cultura negra no Brasil”.

Tocado, o ministro Francisco Weffort citou Cartola. “Devias vir para ver meus olhos tristonhos/ E, quem sabe, sonhavas meus sonhos, por fim” (*As Rosas não Falam*). Lembrou Ivone Lara. “Sonho meu, sonho meu/ Vá buscar quem mora longe, sonho meu” (*Sonho meu*). E arriscou-se a recitar Jorge de Lima.

**Off-samba** – O primeiro homenageado a receber a medalha no peito foi o pianista Arthur Moreira Lima. Não chega a ser exatamente um represen-

tante da ginga afro-brasileira. Mas o ministério reservou a maioria das comendas para expoentes negros além-samba como o ator Milton Gonçalves e o cantor Milton Nascimento, com direito a tietagem.

Samba à parte, Fernando Henrique se mostrou preocupado com as desigualdades sociais, que vitimam a população negra. Apresentou números dos projetos Bolsa-Escola e Comunidade Solidária. FH até recorreu à religião, citando a guerra contra o terrorismo. “No candomblé o bem e o mal coexistem e são permanentes. O candomblé nos ensina que as coisas são um pouquinho mais complexas.”

Weffort aproveitou para lamentar o processo de “embranquecimento” que o romancista Bernardo Guimarães aplicou em sua *Escrava Isaura*. Foi um dia de negro. E de samba.